

On the Take: How Medicine's Complicity with Big Business Can Endanger your Health

Jerome P. Kassirer

DOI: 10.3395/reciis.v2i2.227pt

Valéria Cavalcanti Rolla

Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil
valeria.rolla@pq.cnpq.br

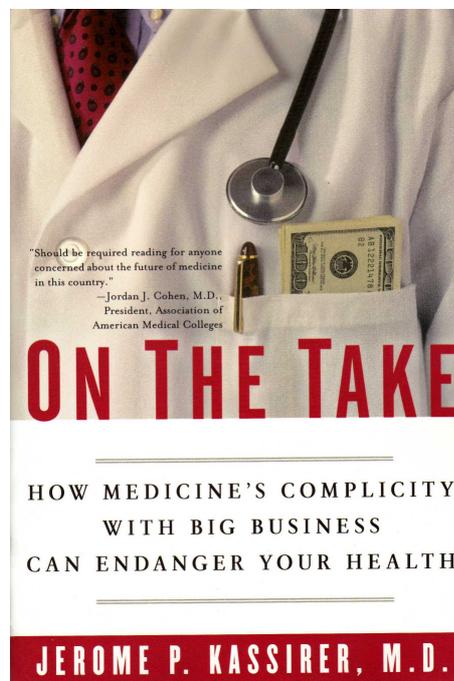
Marilia Santini de Oliveira

Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil
santini@uninet.com.br

A indústria farmacêutica, como qualquer outra no contexto capitalista em que vivemos, tem como objetivo o lucro. Para atingir esse fim as empresas investem em recursos humanos, novas tecnologias, desenvolvimento de produtos para a saúde e, claro, em propaganda e marketing.

O desenvolvimento de milhares de novos medicamentos e produtos para a saúde alcançado do nos últimos anos contribuiu, indiscutivelmente, para a melhora da qualidade de vida dos seres humanos, devido à possibilidade de cura de diversas doenças, controle de condições que anteriormente levavam à incapacidade e morte precoce (como por exemplo hipertensão arterial e diabetes) e mesmo à erradicação de infecções com o uso de vacinas eficazes, como é o caso de varíola. Quando se aborda, porém, o lucro e o marketing ligados à saúde humana as reações são bem mais polêmicas nos diversos setores da sociedade. Estariam os fabricantes de medicamentos, vacinas e produtos para a saúde de modo geral mais preocupados com a qualidade do que vendem do que com o lucro que podem obter com a venda? Será que os testes e estudos são manipulados para que os produtos pareçam melhor do que são de fato?

Em relação às estratégias de propaganda, as questões tornam-se ainda mais angustiantes: os profissionais de saúde, em quem depositamos nossa confiança, são manipulados por manobras de propaganda para prescrever



USA: Oxford University Press; 2004

ISBN: 978-0195176841

um produto específico? As autoridades regulatórias de diversos países, inclusive o Brasil, têm se dedicado a esse assunto e lançado orientações sobre o quanto é “aceitável” um médico receber de um fabricante de medicamentos em forma de brindes, convite para eventos, patrocínio para ida a congressos, pagamento por consultoria e outras atividades que podem ser encaradas como mecanismos para fazer com que um profissional “simpatize” mais com um produto e o prescreva com mais frequência que outros, independentemente das necessidades dos pacientes sob seus cuidados.

Nesse livro o autor, ex-editor do *New England Journal of Medicine*, revista científica de grande impacto e mundialmente conhecida pela sua seriedade e competência, aborda as relações da indústria farmacêutica com os médicos baseado em casos ocorridos nos Estados Unidos da América, divulgados em diferentes meios de comunicação; infelizmente a maioria deles inacessíveis para verificação de referência, como por exemplo aqueles divulgados na mídia americana. Na visão do autor, o dinheiro vindo da indústria farmacêutica é capaz de afetar não só o julgamento individual de um profissional médico, mas também de interferir nas informações transmitidas a outros médicos em instituições de ensino, congressos e mesmo na política de revistas científicas conceituadas (como o *New England Journal of Medicine*).

Nos EUA a medicina é basicamente privada, o que cria um relacionamento entre os diferentes segmentos da sociedade envolvidos na assistência à saúde que não pode ser extrapolado para outros países onde a realidade é outra, como por exemplo o Brasil, onde a imensa maioria da população é atendida através de sistema público, pago e gerenciado pelo governo. Aqui os medicamentos são prescritos pelo nome genérico e os pacientes recebem o produto comprado pelas instituições de saúde, geralmente genéricos ou similares, sistema que diminui a capacidade de influência dos fabricantes sobre os prescritores. É claro que também temos uma parcela da população que recorre a convênios e medicina privada, temos representantes da indústria farmacêutica que visitam médicos em seus locais de trabalho, temos profissionais que recebem brindes, refeições e patrocínios para viagens, mas em escala bem menor que a apresentada pelo autor como sendo a americana.

Analisando os fatos, o autor conclui que a sedução do dinheiro vindo da indústria farmacêutica é capaz de afetar não só as práticas clínicas de profissionais isoladamente, mas a integridade de instituições científicas, governamentais, de ensino e também o resultado de pesquisas científicas, pelo fato de haverem ganho

material direto ou indireto. Nesse aspecto o autor não poupa órgãos como o FDA, o NIH e outras instituições públicas americanas que se servem de profissionais que atuam como consultores para a indústria farmacêutica ou mesmo exercem cargos dentro dessas instituições e parecem não ter muito interesse em regulamentar essas relações que variam desde a oferta de brindes até quantias em dinheiro bastante volumosas.

Vários casos são citados ao longo do livro para demonstrar os laços entre a medicina e a indústria farmacêutica, desde as visitas rotineiras feitas por representantes comerciais para apresentar as vantagens dos produtos que vendem, oferecendo pequenos agradados ou mesmo viagens, até pagamento direto de consultores para divulgar o produto ou participação no lucro das empresas através de ações ou royalties. A forma de narrar os fatos e as conclusões do autor conferem ao texto um tom bastante pessimista em relação ao caráter do ser humano, como se fossem todos iguais e guiados apenas pela obtenção de lucros pessoais e financeiros.

O livro mostra uma interpretação da realidade americana, dificilmente generalizável, porém oferece oportunidade de reflexão sobre o tema para pessoas de qualquer outro país, inclusive o nosso: será que mesmo tendo uma medicina basicamente pública, o mesmo pode estar acontecendo no Brasil? Em caso afirmativo, como e em que grau? Grande parte da nossa população recorre ao sistema público de saúde, no qual os médicos que prestam assistência direta ao paciente prescrevem medicamentos previamente selecionados por instâncias específicas, de distribuição gratuita pelos programas nacionais, baseadas em dados de eficácia, segurança e custo, porém podem estas comissões que selecionam os produtos estar sujeitas ao mesmo tipo de manipulação pela indústria farmacêutica? E as pessoas que usam convênios médicos ou médicos particulares, comprando seus medicamentos nas farmácias, estão sendo tratadas por profissionais guiados mais por interesses pessoais que pela preocupação com a saúde de seus pacientes?

Ao final da leitura podemos nos perguntar, como seres humanos: somos criaturas fadadas à corrupção, que valorizam lucros pessoais acima de tudo, independentemente do bem-estar de nossos semelhantes?

A obra cumpre o papel de fazer com que o leitor reflita sobre fatos atuais e polêmicos e como estes podem afetar sua vida e a dos demais. Entretanto, o estilo jornalístico do livro, pouco científico e bastante sensacionalista, compromete a seriedade da obra, que inclusive poupa o próprio autor das acusações que esse faz aos outros colegas como se apenas ele fosse imune a esse assédio. 